

Carlos Franchi
Esmeralda Vailati Negrão
Ana Lúcia Müller

Sírio Possenti
[organização]

NA PONTA DA LÍNGUA

1. *Estrangeirismos — guerras em torno da língua*
Carlos Alberto Faraco [org.], 3ª ed.
2. *Língua materna — letramento, variação e ensino*
Marcos Bagno, Michael Stubbs & Gilles Gagné, 3ª ed.
3. *História concisa da lingüística*
Barbara Weedwood, 4ª ed.
4. *Sociolingüística — uma introdução crítica*
Louis-Jean Calvet, 2ª ed.
5. *História concisa da escrita*
Charles Higounet, 2ª ed.
6. *Para entender a lingüística — epistemologia
elementar de uma disciplina*
Robert Martin, 2ª ed.
7. *Introdução aos estudos culturais*
Armand Mattelart, Érik Neveu, 2ª ed.
8. *A pragmática*
Françoise Armengaud
9. *História concisa da semiótica*
Anne Hénault
10. *A semântica*
Irène Tamba-Mecz
11. *Lingüística computacional — teoria & prática*
Gabriel de Ávila Othero e Sérgio de Moura Menuzzi
12. *Lingüística histórica — Uma introdução ao estudo da
história das línguas*
Carlos Alberto Faraco
13. *Lutar com palavras — coesão e coerência*
Irané Antunes, 2ª ed.
14. *A análise do discurso — história e práticas*
Francine Mazière
15. *Mas o que é mesmo “gramática”?*
Carlos Franchi
16. *Análise da conversação: princípios e métodos*
Catherine Kerbrat-Orecchioni

mas o que é mesmo
“GRAMÁTICA”?



π
Parábola

EDITOR: Marcos Marcionilo

CAPA E PROJETO GRÁFICO: Andréia Custódio

ILUSTRAÇÃO DA CAPA: Detalhe do frontispício de *A gramática da linguagem portuguesa de Fernão de Oliveira*, por Maria Leonor Carvalhão Buescu, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa, 1975.

CONSELHO EDITORIAL: Ana Stahl Zilles [Unisinos]
Carlos Alberto Faraco [UFPR]
Egon de Oliveira Rangel [PUCSP]
Gilvan Müller de Oliveira [UFSC, Ipol]
Henrique Monteagudo [Universidade de Santiago de Compostela]
José Carlos Sebe Bom Meihy [NEHO/USP]
Kanavillil Rajagopalan [Unicamp]
Marcos Araújo Bagno [UnB]
Maria Marta Pereira Scherre [UFRJ, UnB]
Rachel Gazolla de Andrade [PUCSP]
Salma Tannus Muchail [PUCSP]
Stella Maris Bortoni-Ricardo [UnB]

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

F889m

Franchi, Carlos, 1932-2001

Mas o que é mesmo "gramática"? / Carlos Franchi ; [com] Esmeralda Vailati Negrão & Ana Lúcia Müller. - São Paulo : Parábola Editorial, 2006
-(Na ponta da língua ; 15)

ISBN 85-88456-55-6

1. Língua portuguesa - Gramática. 2. Linguística. I. Negrão, Esmeralda V. (Esmeralda Vailati). II. Müller, Ana Lúcia de Paula. III. Título. IV. Série.

06-2921

CDD 469.5

CDU 821.134.3 '36

Direitos reservados à

PARÁBOLA EDITORIAL

Rua Clemente Pereira, 327 - Ipiranga

04216-060 São Paulo, SP

Fone: [11] 6914-4932 | Fax: [11] 6215-2636

home page: www.parabolaeditorial.com.br

e-mail: parabola@parabolaeditorial.com.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão por escrito da Parábola Editorial Ltda.

ISBN: 978-85-88456-55-6

© da edição: Parábola Editorial, São Paulo, setembro de 2006

SUMÁRIO

| | |
|---|-----|
| APRESENTAÇÃO | 7 |
| <i>Sírio Possenti</i> | |
| MAS O QUE É MESMO “GRAMÁTICA”? | 11 |
| 1. Vamos começar pelo estudo de um caso bem prático: | 12 |
| CRIATIVIDADE E GRAMÁTICA | 34 |
| 1. Algumas notas sobre criatividade | 39 |
| 2. O que se faz quando se faz gramática como se faz .. | 51 |
| 3. Indicações para uma renovação dos estudos gramaticais | 79 |
| 4. Um resumo, à moda de conclusão | 99 |
| O USO DE RELAÇÕES SEMÂNTICAS NA ANÁLISE GRAMATICAL | 102 |
| <i>com Esmeralda Vailati Negrão e Ana Lúcia Müller</i> | |
| Introdução | 102 |
| 1. Uma noção de semântica e de suas relações com a sintaxe | 104 |
| 2. A construção de cenários | 108 |
| 3. Relações de paráfrase | 111 |
| 4. O uso de outras relações semânticas na argumentação gramatical | 114 |
| Conclusões | 123 |

| | |
|---|-----|
| UM EXEMPLO DE ANÁLISE E DE ARGUMENTAÇÃO EM SINTAXE | 126 |
| <i>com Esmeralda Vailati Negrão e Ana Lúcia Müller</i> | |
| Introdução | 126 |
| 1. Estudo de um caso | 127 |
| 2. A análise tradicional desse caso | 132 |
| 3. Buscando argumentos sintáticos em favor dessa análise | 139 |
| 4. Explorando uma idéia da argumentação precedente | 144 |

APRESENTAÇÃO

Faz tempo que eu queria ver editados, em conjunto (e, para isso, ainda não se encontrou um substituto para o livro), alguns textos de Carlos Franchi escritos para serem lidos por professores. Na década de 80, quando as condições para certas formulações sobre ensino de língua na escola se tornaram possíveis, por um lado, e uma exigência, por outro, Franchi era certamente o lingüista mais aparelhado para formular os textos necessários para pensar o lugar da língua na escola, porque acumulava as experiências de um professor extremamente competente e inovador e uma sofisticadíssima formação teórica, somadas a uma posição política lúcida e longe de ser aventureira.

Quando li pela primeira vez *Mas o que é mesmo “gramática”?*, me dei conta de que estava diante de um texto no qual ao mesmo tempo se põe em questão o que há de pior no que se faz com gramática na escola e o que há de melhor na tradição gramatical. É, assim, um texto que rompe sem romper: obriga o leitor a não ver apenas problemas em textos não “corretos” e a ver também problemas em textos “corretos”. Talhado para nossos professores. Ao mesmo tempo, estabelece um liame forte e interessante entre questões de gramática e de texto/discurso.

A sensação produzida por esse texto me fez retornar a *Criatividade e gramática*, um trabalho mais

longo que, além de retomar posições sobre como operar com e sobre extratos basicamente oracionais, no interior, portanto, da tradição de ensinar gramática, recupera questões cruciais de psicologia/pedagogia, e, mais do que isso, explicita com mais minúcia procedimentos propriamente “pedagógicos” relacionados ao trabalho com linguagem. Aqui, com mais detalhe, a recepção da gramática na escola é duramente criticada, ao mesmo tempo em que são explicitadas intuições mais ou menos duradouras de várias épocas a respeito das construções lingüísticas, o que é também a indicação de uma saída para o professor. O fundamental desse texto é a posição explicitamente assumida em relação à natureza das regras gramaticais (e, portanto, da criatividade): as regras de uma língua são produto de um trabalho antropológico, histórico. Por isso, não é necessário ser inatista para admitir gramáticas de falantes. Mas, ao mesmo tempo, a posição permite dizer com todas as letras — e Franchi o diz e repete — que a língua, e na medida mesmo em que é sistemática, é um lugar de jogo inventivo, sem que isso implique uma espécie de marginalidade.

Eu achava que, para professores, esses dois textos eram indispensáveis. Estando fora do mercado por razões históricas (foram editados originalmente pela CENP e, assim, sua circulação não é comercial), tornava-se imperativo que fossem editados e postos em circulação. Depois entrei em contato com dois textos que Franchi escreveu, com a colaboração de Esmeralda Negrão e Ana Lúcia Müller, professoras de lingüística na USP, destinados também a mostrar (de novo!) que se pode fazer boa obra de gramática apurando e sistematizando intuições — tanto as do falante da língua como as da tradição

gramatical. Esses dois textos são excelentes demonstrações de como sintaxe e semântica podem ser aproximadas sem que se tenha que aceitar que uma mapeia a outra, e, principalmente, sem que seja necessário agarrar-se à hipótese de que uma e outra mapeiam o mundo.

Reunir esses textos em livro é, ao mesmo tempo, uma satisfação pessoal, e uma forma de fazer justiça a Carlos Franchi, cujas idéias sobre ensino são frequentemente repetidas sem que se diga ou saiba de onde vieram. Além disso, pareceu-me fundamental colocar à disposição de professores (mas não só, como os leitores perceberão facilmente) alguns textos que os valorizam, porque exigem deles um trabalho que vai na direção contrária de todos quantos imaginam que se trata de pobres coitados para os quais se devem escrever textos “facinhos e coloridos”.

Os trabalhos de Franchi situam seu leitor-modelo no patamar relativamente exigente dos estudiosos, dos verdadeiramente interessados. Nada é previamente digerido. Também por isso ele merecia a reedição dessa parcela de sua obra voltada para a formação do professor competente e do estudante em busca de uma acuidade mais sofisticada em relação aos fatos de língua.

É por isso tudo que aqui estão reunidos esses textos, que, no mesmo espírito de Carlos Franchi, não vou resumir para os leitores. Prefiro fazer-lhes a simples oferta da sofisticação com que foram e devem ser tratados. Pelo menos por outros professores.

Agradeço a Eglê Franchi, a Esmeralda V. Negrão e a Ana Lúcia Müller por terem facilitado ao máximo esta reunião.

SÍRIO POSSENTI